

Uma montagem caligramática  
do século XIII: a *Benedictio  
Fratri Leoni Data* de Francisco  
de Assis<sup>1</sup>

A calligrammatic montage  
from the 13th century: the  
*Benedictio Fratri Leoni Data*  
by Francis of Assisi

André Luiz Marcondes Pelegrinelli<sup>2</sup>



**Resumo:** A *Chartula di Assisi* é uma relíquia de Francisco de Assis, pequeno fragmento de pergaminho com dois textos autógrafos, a *Laudes dei Altissimi* e a *Benedictio Fratri Leoni data*, ambos de 1224. Neste artigo, considerando a materialidade do pergaminho, consideramos o objeto como a conformação das linguagens textuais e visuais, que sugerem diferentes possibilidades de leitura que apresentamo mesmo sentido analógico. Através de análise codicológica, paleográfica, do texto e das imagens, propomos pensar a *Benedictio Fratri Leoni data* como uma montagem que faz uso de uma imagem-caligrama veiculando a bênção de modo não linear que considera a espacialidade do fragmento de pergaminho e dele faz uso.

**Palavras-chave:** *Chartula di Assisi*; Francisco de Assis; Leão de Assis; Autógrafos medievais; franciscanismo.

**Abstract:** The *Chartula di Assisi* is a relic of Francis of Assisi, it consists in a small fragment of parchment with two autograph texts, *Laudes dei Altissimi* and *Benedictio Fratri Leoni Data*, both written in 1224. In this article, taking into account the materiality of the parchment, we consider the object to be a conformation of textual and visual languages, which suggests various reading possibilities that present the same analogical meaning. Through the codicological and paleographic analysis of text and image, we propose an understanding of *Benedictio Fratri Leoni Data* as an assembly that makes use of a calligrammatic image to convey the act of blessing in a non-linear way that considers and access the spatiality of the parchment fragment.

**Keywords:** *Chartula di Assisi*; Saint Francis of Assisi; Lion of Assisi; Medieval Autographs; Franciscanism.



Francisco de Assis (1182-1226) legou à posteridade dezenas de textos em que sua autoria, total ou parcial, é tradicionalmente atestada. Dessa obra escrita, emerge um Francisco diferente da imagem construída nas hagiografias, nas imagens e na liturgia: um Francisco que utilizava com dificuldade a pena, dominava pouco o latim, mas que era rígido com o ditar dos textos para seu redator; em suma, mostrava ser um homem da passagem dos séculos XII para o XIII que compreendia as possibilidades de ação afetiva, efetiva e sobrenatural pela multiplicidade das linguagens.

Neste artigo, discutiremos tal compreensão da potencialidade da ação por meio da obra escrita de Francisco de Assis, analisando um pergaminho com dois de seus autógrafos, a *Benedictio fratri Leoni data* e a *Laudes Dei Altissimi*, ambas compostas em 1224 enquanto o santo, acompanhado de seu amigo frei Leão (1195?-1271), vivia a experiência do monte Alverne. Esse fragmento de fólio, conhecido como a *Chartula di Assisi*<sup>3</sup>, está atualmente custodiado na Sala das Relíquias da Basílica de São Francisco em Assis e é uma de suas relíquias mais íntimas: entregue por afeto a um amigo, foi guardada como amuleto por décadas por seu proprietário e se tornou objeto de devoção. Nela, Francisco escreveu, de um lado, um louvor a Deus e de outro, a bênção a seu amigo, além de um tau cortando o nome dele, Leão. Destacaremos, assim, como essa operação que reúne texto e imagem, conferindo-lhes forte materialidade, além de um poder mágico e salvífico, foi ignorada pelas cópias, tanto medievais quanto modernas, que privilegiaram o texto, esvaziando, assim, o objeto de agência. Pensamos a composição de Francisco, que integra letras, palavras e imagens, como uma imagem-caligrama que faz uso de montagens espaciais entre estes elementos, gerando um caligrama amórfico, mas analógico. Essa imagem-caligrama, por sua vez, foi montada com outros elementos em cada um de seus momentos de produção e consumo: na produção, por Francisco; no consumo, por Leão; e, por fim, na transformação do objeto em relíquia na basílica de Assis.

### Francisco escritor e a fortuna de sua obra

Francisco, em sua *Epistola Toti Ordini Missa*, justificava suas falhas na observação do Ofício, prescrito pela Regra, dentre outros problemas por seu pouco contato com as letras: “*In multis ofendi mea gravi culpa, specialiter quod Regulam quam Domino promisi non servavi, nec officium sicut Regula precipit dixi, sive negligentia, sive infirmitatis mee occasione, sive quia ignorans sum et idiota*”<sup>4</sup>



(FRANCISCI ASSISIENSIS, 2009b, p. 218), afirmação reiterada em suas últimas palavras ao lembrar a comunidade primitiva, onde “[...] *eramus idiote e subditi omnibus*”<sup>5</sup> (FRANCISCI ASSISIENSIS, 2009c, p. 398). *Ignorans* e *idiota* são aqui compreendidas como recursos retóricos utilizados por Francisco que sugerem sua condição de humildade intelectual de sua escolha espiritual (LEONARDI, 2004, p. LI), uma vez que os termos, em seu sentido medieval, designavam aquele que sabe ler e interpretar, mas não domina as regras gramaticais e o latim.

Seu pouco domínio das letras, porém, não impediu a produção de uma extensa obra escrita. O confronto entre seus textos autógrafos e os textos que sobreviveram por meio de cópias medievais revela diferentes lógicas de produção de textos. Francisco escrevia pouco e, embora Tomás de Celano narre que quando escrevia não permitia alterações ou correções (THOMAE DE CELANO, 1995a, p. 358), seus autógrafos possuem várias rasuras e reescrituras (BARTOLI LANGELI, 2000, p. 139). É mais provável que a maior parte de sua obra escrita, considerando principalmente o uso correto do latim, passou por um processo de tradução, correção e reelaboração por frades mais bem instruídos que transformavam o ditado vulgar em texto latino – com exceção do *Testamentum* e da *Epistola ad ministrum* que, em função de seu grau de imediaticidade e do uso incorreto do latim, parecem ser a tradução imediata de um ditado vulgar, sem as devidas adaptações (MICCOLI, 2010, p. 17-18). Além de estar cercado de frades intelectuais e mais hábeis com as letras que poderiam melhorar seus ditados, é necessário lembrar que a maior produção autoral de Francisco data de seus últimos anos de vida, quando, enfraquecido do corpo e doente dos olhos, manusear a pena e o pergaminho seria uma tarefa quase impossível (PAOLAZZI, 2004, p. 30).

Três autógrafos, em dois manuscritos, sobreviveram e se tornaram relíquias. O mais antigo deles é o que estudamos aqui: um pedaço de pergaminho que contém a oração de louvor ao Deus Altíssimo e a bênção a frei Leão. Uma antiga tradição informa que o pergaminho foi encontrado junto ao corpo de Leão, morto em 1271; outra hipótese é a de que o objeto foi doado às clarissas de São Damião por volta de 1258, quando Leão também teria doado o breviário de Francisco. Para Frugoni, o manuscrito pode ter sido, ainda, doado às clarissas de São Damião, mas, considerando a relação afetiva de Leão com o pequeno texto, apenas próximo a sua morte (FRUGONI, 2015, p. 454)<sup>6</sup>. Ainda que Leão tenha morrido em 1271 – data máxima para a transferência de posse da *Chartula* – o registro mais antigo é de 1338, no ms. 344 de Assis, primeiro inventário de



bens da Basílica de São Francisco: “*Item una tabula lignea in qua sunt laudes creatoris scripte de manu propria beati francisci. Cum benedictione facta fratri leoni sotio suo.*”<sup>7</sup> (Ms. 344, Assis, cf. FALOCI PULIGNANI, 1886). Sendo parte do acervo de relíquias, deveria já ser objeto de culto.

No que se refere à edição crítica dos autógrafos de Francisco aqui estudados, todas as edições modernas incorrem no mesmo problema, herdado, como veremos, dos próprios manuscritos medievais: os editores conceberam a *Benedictio Fratri Leoni Data* como um texto, em seu sentido mais estrito: um conglomerado de palavras em frases corridas, ignorando que um dos autógrafos contém uma imagem em intrínseca relação com o texto e que mesmo as palavras escritas por Francisco estão dispostas espacialmente de forma a se relacionar com a imagem, não sendo controladas pelas margens do pedaço de pergaminho, mas pela intenção da mensagem. Ao separar texto e imagem, os editores fizeram com que o texto perdesse parte de seu sentido e, principalmente, de seu efeito. As referências à imagem presente no pergaminho ou a seus aspectos materiais foram transferidas para notas de rodapé que remetem a outros estudos. Se essas edições cumprem sua função de crítica textual estrita, são ficcionais no momento em que propõem a existência de um texto descolado da imagem e da própria materialidade da fonte.

A profícua sobrevivência da obra escrita de Francisco e sua valorização ao longo da História, manifesta em cópias medievais, modernas, edições críticas e numerosos estudos, é indício de sua importância e revela um desejo de continuidade e observância da figura de Francisco de Assis, presente nas diversas cisões e reformas ao longo da história franciscana. Seus escritos geraram normas (a Regra e as constituições), fórmulas (bênçãos e orações) e instruções (exortações).

### **Frei Francisco e Frei Leão**

Francisco iniciou seu *Testamentum* recordando sua conversão e o início de uma vida penitencial motivada por um olhar renovado e misericordioso para com os leprosos (*FRANCISCI ASSISIENSIS*, 2009c, p. 394). A compreensão de sua vocação e o início do carisma dos frades menores, por sua vez, é rememorada não em função da compreensão do modo como o Cristo vivia – episódio representado nas hagiografias como a interpretação da pobreza crística durante a leitura do Evangelho –, mas em função do início de uma vida comum com outros companheiros (*FRANCISCI ASSISIENSIS*, 2009c, p. 396).



A vida comum é basilar do modo de viver do frade menor. Francisco, mesmo nos momentos de isolamento em eremitérios, estava sempre acompanhado de frades amigos. Um destes, o mais próximo, seu confessor e secretário, era Leão de Assis, frade culto, sacerdote e radical defensor da pobreza. Muito pouco se sabe sobre sua vida, embora seja personagem frequente nas hagiografias – que tendem a repetir os mesmos episódios, às vezes sem nomeá-lo. Suas participações são sempre em torno de episódios de caráter edificante e moral, sem dados biográficos (MENESTÒ, 1992, p.42-44)<sup>8</sup>.

A partir do momento em que Francisco começou a se isolar do centro de poder, após voltar da Terra Santa, e viajou para Fonte Colombo, Leão nunca mais o abandonou, acompanhando suas viagens, pregações e estadias em eremitérios. Para a quaresma em honra a São Miguel, em 1224, no Monte Alverne (episódio que teria culminado com a estigmatizaçã), estava acompanhado de Leão, Masseo, Ângelo, Silvestre e Iluminado. Após sua morte, Leão assumiu papéis importantes. Ele seria, por exemplo, sua sombra a assistir e aconselhar Clara de Assis (1194-1253) e as Pobres Damas; além disso, presente na morte da santa, foi convocado pelo bispo Bartolomeu de Espoleto para fazer parte de seu processo canonização. Tal relação próxima e continuada com as Pobres Damas fez com que Leão lhes doasse, na década de 1260, o breviário que teria pertencido a Francisco. Ele também entrou em conflito com Elias de Cortona, (1178-1253), primeiro e terceiro ministro geral após Francisco, denunciando o afastamento da Ordem do ideal de Francisco sob o governo do cortonense e sendo então reconhecido como um líder da oposição espiritual. É importante ainda lembrar que Leão, juntamente com Rufino e Ângelo, foi um dos frades a atender a solicitação do ministro geral Crescenzo de Jesi (?-1263), quando do Capítulo Geral de 1244, em Gênova, de novos relatos para a composição de um texto hagiográfico mais completo que a *Vita prima* de Tomás de Celano.

A *Chartula di Assisi* se insere neste contexto de afetividade construído entre Francisco e Leão. Sua produção e entrega, em 1224, são narradas de diferentes modos nas hagiografias, embora nenhuma delas nomeie Leão. O primeiro registro de sua existência é no *Memoriale in desiderio animae*, de Tomás de Celano, escrito entre 1246-1247, quando certamente a existência e posse do objeto por Leão já eram conhecidas por outros frades.

*Dum maneret sanctus in monte Alverne cella reclusus, unus de sociis magno desiderio cupiebat habere de verbis Domini recreabile scriptum, manu sancti Francisci breviter adnotatum. Gravem enim*



*qua vexabatur tentationem, non carnis sed spiritus, credebat ex hoc evadere, vel certe levius ferre. Tali desiderio languens, pavebat rem aperire patri sanctissimo; sed cui homo non dixit, Spiritus revelavit. Quadam enim die vocat eum beatus Franciscus dices: “Porta mihi chartam et atramentum, quoniam verba Domini et Laudes eius scribere volo, quae meditatus sum in corde meo”. Allatis protinus quae petierat, scribit manu propria Laudes Dei et verba quae voluit, et ultimo benedictionem fratris, dicens: “Accipe tibi chartulam istam, et usque ad diem mortis tuae custodias diligenter”. Fugatur statim omnis illa tentatio; servatur littera et in posterum miranda effecti. (2Cel 49 – THOMAE DE CELANO, 1995b, p. 490).<sup>9</sup>*

Segundo este texto de Tomás de Celano, o objeto teria realizado diversos milagres, evidência da possibilidade de seu conhecimento público antes da hagiografia, embora não seja citado no primeiro texto hagiográfico escrito por pelo mesmo autor, em 1229. A característica mais importante da narrativa é diferenciar o que são as palavras escritas por Francisco do objeto escrito por Francisco: conteúdo e coisa. No texto, o frade desejava ter um “*scriptum*” que fosse “*manu sancti Francisci breviter adnotatum*”, desejo esse escondido por Leão, mas revelado pelo Espírito a Francisco; Deus se serve, desse modo, de um objeto material para afastar uma tentação espiritual. O suporte, segundo a crença medieval da ação divina, poderia ser facilmente dispensado, mas, nesse caso, foi desejado inclusive por Deus. No momento em que Leão recebe o objeto, formado por letras (*littera*), é ele que afasta as tentações e que opera maravilhas. Ademais, a ordem de Francisco não é de conservar as palavras até a morte do frade, mas o escrito (*chartula*).

O texto de Tomás de Celano foi utilizado como base por Boaventura de Bagnoregio em sua *Legenda Maior*, de 1263, única hagiografia tornada oficial a partir de 1266 (LM XI, 9 – BONAVENTURA DE BALNEOREGIO, 1995a). A maioria das informações coincidem com o texto do primeiro hagiógrafo; naquele, o frade também desejava ter um “*scriptum manu ipsius breviter adnotatum*”, seu valor material (objeto) é reiterado como elemento capaz de afastar as tentações. Na *Legenda Maior*, porém, o autor diz apenas que Francisco escrevera as “*Laudes Domini*”, ou seja, Boaventura faz referência somente ao texto da *Laudes*, e não à *Benedictio*, quiçá pela legitimação de autoridade que um texto personalizado poderia conferir a Leão, cuja herança era reivindicada pelo grupo radical que se opunha ao generalato de Boaventura. Além disso, Boaventura insere a informação de que o objeto operou maravilhas para testemunhar as virtudes de



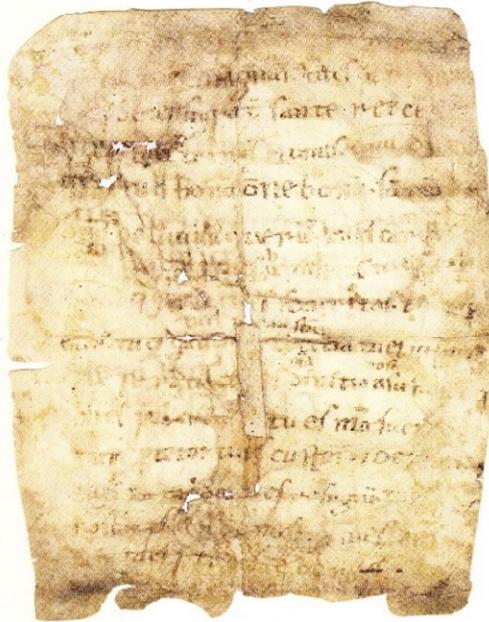
Francisco, submetendo, assim, o objeto ao culto do santo.

Boaventura também preparou uma versão litúrgica de seu texto, resumida, conhecida como *Legenda Minor*. Sua função litúrgica e circulação muito mais ampla<sup>10</sup> colaboram para a compreensão das diferenças da narrativa resumida, que insiste com mais ênfase na subordinação de Leão (*cum esset humilis, pudoratus et simplex*) e em seu constrangimento em desejar um fragmento de pergaminho escrito por Francisco, características desejáveis para o fiéis de Francisco, ansiosos em serem partícipes também das graças advindas do santo. Além disso, a versão insere a informação de que Leão não desejava apenas os Louvores, mas também a Bênção (*chartam laudesque Domini iuxta fratris desiderium cum ipsius benedictione propria manu conscribens*); o final também apresenta um diferente destaque, que reforça ainda mais a santidade de Francisco: o santo recebeu tal mérito diante de Deus que o seu escrito em um bilhete (*schedula*) possui poder. Novamente, é o objeto, mais que somente as palavras, que possui o poder. Esse destaque maior na *Legenda Minor* ao objeto pode ser devido ao seu amplo reconhecimento público – lembremos que em menos de um século o objeto já estava registrado como estando dentro de um relicário na Basílica, sendo, portanto, receptáculo de preces, esperas e devoções.

O texto dos Louvores é mais enfatizado nas hagiografias que a Bênção, sintoma do desejo de valorização desse texto, menos pessoal, em detrimento daquele do lado verso, que possuía um destinatário especial.



**Figura 1 - FRANCISCI ASSISENSIS. Laudes Dei Altissimi.** Lado carne 1224. Pergaminho. 13,5x10cm. *Basilica di Assisi*



**Fonte:** © Archivio fotografico del Sacro Convento di S. Francesco in Assisi, Italia.

**LAUDES DEI ALTISSIMI<sup>11</sup>**

1. Tu es sanctus, Dominus Deus solus, qui facis mirabilia.
2. Tu es fortis, Tu es magnus, Tu es altissimus,
3. Tu es omnipotens, Tu Pater sante, rex celi et
4. terre. Tu es trinus et unus, Dominus Deus
5. deorum, Tu es bonum, omne bonum, summum bonum,
6. Dominus Deus vivus et verus.

Tu es amor caritas,

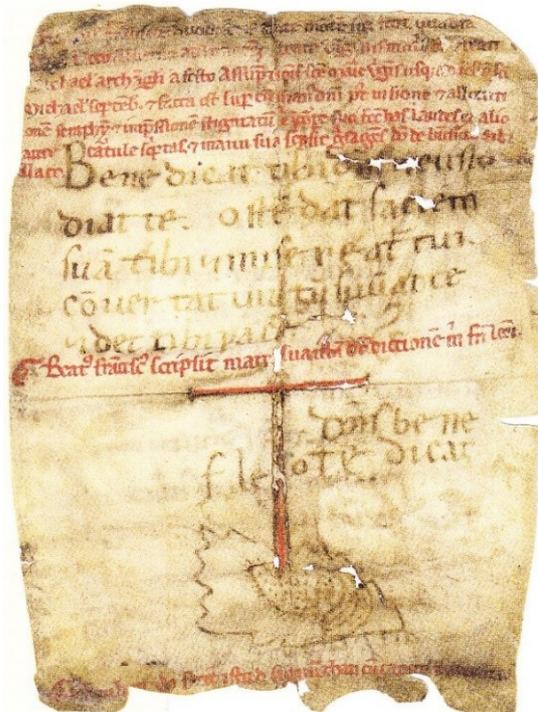
7. Tu es sapientia, Tu es humilitas, Tu es patientia,
8. Tu es pulchritudo, Tu es securitas, Tu es quietas.
9. Tu es gaudium et letitia, Tu es spes nostra, Tu es iustitia
10. et temperantia, Tu es omnia, divitia nostra a(d) sufficientiam.
11. Tu es pulchritudo, Tu es mansuetudo,
12. Tu es protetor, Tu es custos et defensor,
13. Tu es fortitudo, Tu es refugium.

Tu es spes

14. nostra, Tu es fides nostra, Tu es caritas
15. nostra. Tu es tota dulcedo nostra, Tu es
16. vita eterna nostra, magnus et admirabilis
17. Dominus, Deus omnipotens, misericors Salvator.

(FRANCISCI ASSISENSIS, 2009e)<sup>12</sup>

**Figura 2 - FRANCISCI ASSISENSIS. Benedictio Fratri Leoni Data.** Lado pele. 1224. Pergaminho. 13,5x10cm. *Basilica di Assisi.*



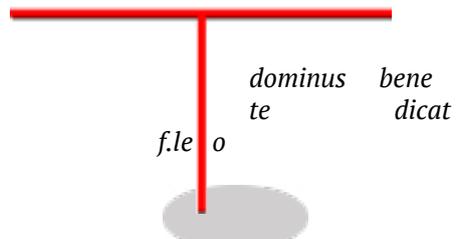
**Fonte:** © Archivio fotografico del Sacro Convento di S. Francesco in Assisi, Italia.

**BENEDICTIO FRATRI LEONI DATA<sup>13</sup>**

*Beatus Franciscus duobus annis ante mortem suam fecit quadragesimam in loco Alverne, ad honorem beate Virginis matris Dei et beati Michaelis Archangeli, a festo Assumptionis sancte Marie Virginis usque ad festum sancti Michaelis septembris; et facta est super eum manus Domini. Post visionem et allocutionem Seraphim et impressionem stigmatum Christi in corpore suo, fecit has laudes ex alio latere cartule scriptas et manu sua scripsit, gratias agens Deo de beneficio sibi collato.*

*Benedicat tibi Dominus et custodiat te. Ostendat faciem suam tibi et misereatur tui. Conservat vultum suum ad te et det tibi pacem.*

*Beatus Franciscus scripsit manu sua istam benedictionem mihi fratri Leoni.*



*Similli modo fecit istud signum thau cum capite manu sua.*

(FRANCISCI ASSISENSIS, 2009f)<sup>14</sup>

Anré Luiz Marcondes Pelegrinelli / Uma montagem caligráfica do século XIII: a Benedictio Fratri Leoni Data de Francisco de Assisi



O fragmento de pergaminho de pele de cabra<sup>15</sup> mede atualmente 10cmx13,5cm, mas seu tamanho original deveria ser poucos centímetros maior, pois se por um lado há degradação de parte do pergaminho em todas as bordas, por outro, não houve linhas completas perdidas da escrita, tendo sido consumido somente aquilo que deveria ser sua margem. Ao lado das bordas superiores foram adicionadas duas pequenas faixas de pergaminho (retiradas para a digitalização aqui constante) para que a *Chartula* fosse presa ao relicário, portado em procissões. No lado dos Louvores, um pequeno remendo de pergaminho foi utilizado para preencher uma lesão no meio da peça, causada pelas dobras verticais e horizontais que formavam um retângulo de 5x6 cm. A dobradura, na época em que o objeto pertencia a Leão, protegia o lado pelo (Bênção) e poderia assim mostrar o que para ele seria o lado mais importante. Tal dobra gera uma degradação maior do lado dos Louvores (e principalmente em seu lado esquerdo), exposto e em constante fricção com o hábito de Leão ou com um saco que o protegeria. Mais ainda que ele, foi o vértice externo da dobradura o local mais atingido pela ação do tempo, tendo sido praticamente destruído. Mas é certo que a dobradura pode também ter sido feita pelo próprio Francisco no processo de produção, pois ela não se encontra na metade exata do fragmento de pergaminho, e sim ligeiramente abaixo desta, de modo a fazer coincidir a dobra vertical com a haste do tau e a dobra horizontal com sua trave. O certo é que, uma vez tornado objeto público, o fragmento foi desdobrado – embora as marcas permaneçam.

Bartoli Langeli (2000) separou a produção dos dois textos em momentos diferentes. A pena utilizada para escrever a Bênção possuía a ponta mais larga daquela usada para os Louvores, e a tinta era um pouco mais clara no texto da Bênção. Além disso, o espaço ocupado pelo texto foi completamente aproveitado do lado com a *Laudes*, o que justificaria o tamanho do fragmento para esse uso, reforçando a narrativa dos hagiógrafos de que esse foi o primeiro texto composto por Francisco.

Sobre a forma de escrita de Francisco, há similaridades com muitos documentos do centro da Úmbria e das Marcas neste período, como o *r* e o *et* com o mesmo formato, a repetição da forma de letras mesmo em diferentes sílabas, o uso de instrumentos de ponta larga e pouco refinados, bem como separação entre as letras e o alinhamento impreciso, que são indícios de uma escrita pouco apurada:

*Il dato di cultura è evidente. Francesco, come gli altri scriventi che*



gli fanno compagni in questo capitulo minore e oscuro della storia della scrittura, sono individui semicolti, appena alfabetizzati. Essi “scrivono male”: ma non, si badi, per una presunta incompiutezza di curriculum scolastico (come saremmo portati a digudicare la scrittura di un semialfabeta di oggi), quanto perché strutturalmente elementare era la loro formazione grafico-culturale. La “miniscuola comune” era il patrimonio grafico organico alla loro condizione culturale: una alfabetizzazione minimale e pratica, condannata all’immobilità, incapace di progressione autonoma. (BARTOLI LANGELI, 2000, p. 27).<sup>16</sup>

Na narrativa de Tomás de Celano, Francisco quis escrever no pergaminho as palavras e louvores a Deus que havia meditado em seu coração: a experiência do Alverne é a experiência dos estigmas. Estigmatizado, Francisco louva e qualifica Deus (*Tu es*), em uma clara referência à liturgia eucarística (*Sanctus, sanctus, sanctus Dominus Deos Sabaoth*) em uma “globalidade totalizante” (PAOLAZZI, 2004, p. 104-105) que o apresenta como onipotente, mas também humilde, paciente e manso, em referência à unidade divina de Yahweh (oniponte) e de Cristo (manso). Imerso na experiência dos estigmas, “*postquam igitur verus Christi amor in eandem imaginem transformavit amantem*” (BONAVENTURA DE BALNEOREGIO, 1995a, p. 893) e próximo a Cristo, seu louvor na nova situação é direcionado à máxima expressão de Deus: qualificado vinte e quatro vezes por meio do verbo ser, não há nenhuma pergunta ou clamor, apenas louvor. O louvor é direto, o verbo *sum* conjugado na segunda pessoa foi colocado em primeira pessoa do plural apenas para incluir a humanidade na globalidade totalizante (LEONARDI, 2004, p. CXVI).

No lado pele, a *Benedictio Fratri Leoni data* é o complemento e continuação das *Laudes* (SOLVI, 2004, p. 451): uma vez que o Deus Altíssimo foi invocado, a sua bênção é dirigida a Leão que, atormentado pelas tentações no espírito, recebe a paz já experimentada por Francisco na consolação espiritual da estigmatização (BONAVENTURA DE BALNEOREGIO, 1995a, p. 891). Essa possibilidade de leitura (*Laudes Dei Altissimi* primeiro, como evocação; seguido da *Benedictio Fratri Leoni data*, como bênção) também ajuda a compreender o modo como o pergaminho foi dobrado.

A *Benedictio* segue a fórmula que Iahweh teria ensinado a Moisés e que Francisco certamente conhecia. A única diferença com o texto de Francisco é o sujeito oculto no segundo e no terceiro versos da *Benedictio*:



1. *Benedicat tibi Dominus, et custodiat te.*  
2. *Ostendat Dominus faciem suam tibi et misereatur tui.*  
3. *Convertat Dominus vultum suum ad te, et det tibi pacem.*  
(*Numeri 6, 24-26* – COLUNGA; TURRADO, 1999, p. 111. Grifo nosso)<sup>17</sup>

1. *Benedicat tibi Dominus et custodiat te.*  
2. *Ostendat faciem suam tibi et misereatur tui.*  
3. *Convervat vultum suum ad te et det tibi pacem.*  
(*FRANCISCI ASSISIENSIS, 2009f*)<sup>18</sup>

É importante lembrar que no Medievo utilizar uma fórmula já existente não possuía necessariamente a conotação negativa que nosso sentido contemporâneo de “cópia” impõe; ao contrário, a repetição do modelo poderia ser o reconhecimento da eficiência e autoridade da coisa já existente (RUSSO, MAGNANI, 2010). Assim, ao citar e apresentar esse texto bíblico em outro contexto, Francisco assumiu o lugar do próprio patriarca judeu: do mesmo modo que com esse texto Moisés invocou a bênção aos israelitas, com essa fórmula Francisco invocou a bênção a Leão.

Em algum momento antes da transferência da posse da relíquia, Leão deixou também seu autógrafo no lado pelo. Em vermelho, com uma letra menor e mais regular – marcas de alguém acostumado com a escrita –, Leão narrou sua vivência com Francisco no monte Alverne, reforçou a presença da mão de Francisco no bilhete e, com esse mesmo vermelho, riscou novamente o tau. Se os textos hagiográficos localizavam a produção da *Chartula* apenas no monte Alverne, o escrito autobiográfico de Leão é preciso ao dizer que os Louvores e a escrita do texto são posteriores à estigmatização<sup>19</sup>, como consequência desta e em agradecimento pela experiência:

*Post visionem et allocutionem Seraphim et impressionem stimatum Christi in corpore suo, fecit has laudes ex alio latere cartule scriptas et manu sua scripsit, gratia agens Deo de beneficio sibi collato.* (LEO *apud FRANCISCI ASSISIENSIS, 2009f*)<sup>20</sup>

Leão insiste por três vezes (em cada uma das rubricas) na presença da mão de Francisco no texto e no desenho do pergaminho. Essa informação não estava dirigida para si (Leão jamais esqueceria a experiência do Alverne) mas para os outros, o que sugere e/ou demanda o reconhecimento público do autógrafo e sua devoção.

A sobrevivência do texto da *Benedictio Fratri Leoni data* por oito séculos é sintoma de sua importância<sup>21</sup>. Ele se tornou uma fórmula cara aos frades, comum no contexto litúrgico, mas a construção de palavras (textuais ou



faladas) é apenas uma das linguagens veiculadas no objeto produzido por Francisco e alterado por Leão. Sua manutenção em um relicário e os milagres que operou não poderiam ser transpostos imediatamente para a linguagem verbal; sua sobrevivência enquanto simples texto é a degradação da integralidade da mensagem de Francisco. O afeto (apeço entre as personagens) e o efeito (afastar a tentação e realizar milagres) da *Chartula di Assisi* estão circunscritos no entrecruzamento de diferentes linguagens.

### A imagem-caligrama de Francisco

A *Chartula di Assisi* evidencia a compreensão do texto escrito no medievo, que é algo dotado de materialidade e singularidade próprias. Longe da nossa compreensão moderna de impresso, no Medievo as mesmas frases e conexões, ao serem copiadas em pergaminhos diferentes, carregavam diversas possibilidades de compreensão. Assim, um manuscrito nunca era exatamente igual ao outro, o que atribuía ao texto escrito diferentes possibilidades, seja na apresentação visual das letras (pigmento, formato, tamanho etc), seja nas marcas visuais que, apesar de não designarem operações fonéticas, interferiam na mensagem veiculada (como as miniaturas, as garatujas, a marginalia etc).

Francisco incluiu em sua bênção um desenho, como lembrou tão enfaticamente Leão, de *manu sua*. Se o texto ocupa a metade superior do pedaço de pergaminho em que se encontra a *Benedictio Fratri Leoni data*, a metade inferior é preenchida por um tau traçado seguindo as marcas das duas dobras e, aos seus pés, um desenho de formato triangular, cujas três laterais são formadas por uma série de triângulos menores dispostos lado a lado e, em seu centro, na horizontal, um desenho de formato oval. Leão reforçou o traçado do tau com a mesma tinta de cor vermelha com que fez suas rubricas, reforçando seu desejo de participação na bênção e a continuidade de sua própria história: a mão e participação de Francisco não seriam esquecidas na relíquia, pois Leão, agindo no pergaminho, garantia a continuidade de sua existência relacionada a Francisco.

A forma oval e triangular na base do tau foi interpretada por Leão em sua terceira rubrica como uma cabeça (“*Simili modo fecit istud signum thau cum capite, manu sua*”). Embora reconhecer o desenho hoje seja difícil, dado seu estado avançado de degradação, a maior parte dos estudiosos que se dedicaram à imagem concordam com Leão e interpretam a forma como uma cabeça deitada, na horizontal, com um turbante e barba rala, e a boca para cima, da qual sai o



**Figura 3** – MALBERTO SOTIO.  
**Crocifisso**. 1187. Madeira. s/i.  
Duomo di Spoleto



**Fonte:** do autor.

tau (LAPSANSKI, 1974, p. 36-37). Mas de quem seria essa cabeça?

Uma antiga lenda grega narra que um galho foi plantado no túmulo de Adão e, da árvore que ali se formara, foi feita a cruz de Cristo (JACOPO DE VARAZZE, 2003, p. 413-422). A esta lenda soma-se a tradição de que o monte Gólgota, em que Cristo foi crucificado, foi onde Adão teria sido enterrado, em um jogo de correspondências entre Cristo e Adão, presente já em Paulo (1 Coríntios 15, 21-22), no qual Cristo é o novo Adão. Apesar do motivo iconográfico do crânio de Adão nos pés do crucificado ser mais comum nos últimos dois séculos da Idade Média, o tema já existia quando da vida de Francisco. Em um crucifixo da catedral

de Espoleto<sup>22</sup>, de Alberto Sotio (1100-1187), de 1187, o sangue que escorre dos pés de Cristo cai sobre o crânio de Adão, estabelecendo um contraponto horizontal entre a salvação de Cristo que cancela a condenação de Adão. Frugoni (1993, p. 72-73; 1994, p. 217) reforça a tese de que a cabeça abaixo do tau seria uma referência ao crânio de Adão. Adão, Francisco e Leão seriam assim, pela imagem, partícipes do mesmo mistério de salvação. Décadas depois, porém, ao discorrer sobre o autógrafo de Francisco, Frugoni sugere como hipótese de explicação para a cabeça não a Lenda da Verdadeira Cruz, mas uma metáfora da própria espiritualidade franciscana (FRUGONI, 2015, p. 42-44)

Corroborando sua tese, já no texto de Tomás de Celano Francisco é comparado com a cruz, inclusive por sua forma: Frei Pacífico, antes de se converter à *religio* de Francisco, teve uma visão do santo como duas espadas cruzadas, que formavam uma cruz; mais tarde, ouvindo a pregação de Francisco, entendeu que a visão era da “espada da palavra de Deus” (2 Cel 106 – THOMAE DE CELANO, 1995b, p. 540). Outro frade, Silvestre, em um sonho, viu uma enorme cruz de ouro que saía da boca de Francisco, enquanto seus braços estendidos circundavam todo o mundo (2 Cel 109 – THOMAE DE CELANO, 1995b, p. 543). A maior referência franciscana à cruz é o próprio Francisco que, estigmatizado, tornara-se *alter Christus*, a “imagem do amado”, como apontado por Boaventura.



A compreensão da cabeça como referência a Adão, a Francisco ou ao próprio Leão (VORREUX, 1979, p. 8-9) deve considerar o destinatário da mensagem, pois esta deveria ser identificável para Francisco, Leão ou para qualquer observador do século XIII. Tendemos, por fim, a pensar em uma confluência de hipóteses para a identificação da cabeça encontrada na imagem (Adão, Francisco ou Leão) porque a função da imagem não dependia inteiramente na identificação da personagem ali colocada, mas de sua mensagem salvífica. Ou seja, haveria uma polissemia de sentidos que conjuga todas as personagens hipotetizadas: a cabeça está colocada em função do tau, referência à cruz e símbolo de redenção e salvação. E essa salvação era universal para os eleitos que seguissem o Cristo, não importando se fossem Francisco, Leão ou qualquer descendente de Adão. A identificação da personagem figurada, preocupação corrente na historiografia que pensou esse documento – como apontado –, é mais contemporânea que medieval.

O tau ( $\tau$ ), letra grega, lido em uma chave judaico-cristã é tido como um símbolo de salvação. No livro de Ezequiel, foi utilizado para marcar a frente dos que deveriam ser salvos da morte (Ez 8, 3-6). Em um trecho do discurso de abertura do IV Concílio Lateranense (1215), em que Francisco estava presente em função da aprovação da Regra, Inocêncio III demonstrou a aproximação entre a letra e a cruz de Cristo: “*Il tau è l’ultima lettera dell’alfabeto hebraico e ha la forma che aveva la croce prima che Pilato aggiungesse il cartiglio sopra Cristo crocifisso. [...] Porta tale segno sulla fronte che già mostra nelle proprie azioni la virtù della croce*” (FRUGONI, 1994, p. 219).<sup>25</sup>

Francisco assumiu o símbolo como característico de sua vocação; com ele assinava suas cartas e decorava as paredes dos eremitérios. Desejando marcar a frente de todos, como em Ezequiel, para garantir a salvação, o próprio Francisco foi visto em uma visão de frei Pacífico marcado por um grande tau (3Cel 2, 3 – THOMAE DE CELANO, 1995c, p. 646). Depois de morto, apareceu em sonho a um homem que, doente do tornozelo e impedido de se mover, foi curado por Francisco que o tocou com um bastão neste formato (3Cel 159 – THOMAE DE CELANO, 1995c, p. 736).

A leitura cristã do tau bebe de uma antiga tradição segundo a qual as letras são parte de um percurso, contemplado no alfabeto. No mundo antigo e medieval, o alfabeto era um sistema de sentido de ordem natural (divina) e as letras eram afetadas em função do lugar ocupado. Dessa tradição surge a compreensão apocalíptica de Cristo como o início e o fim, o Alfa ( $\alpha$ ) e o Ômega ( $\omega$ ). Algumas imagens da Crucificação representam o episódio não como o corpo de Cristo



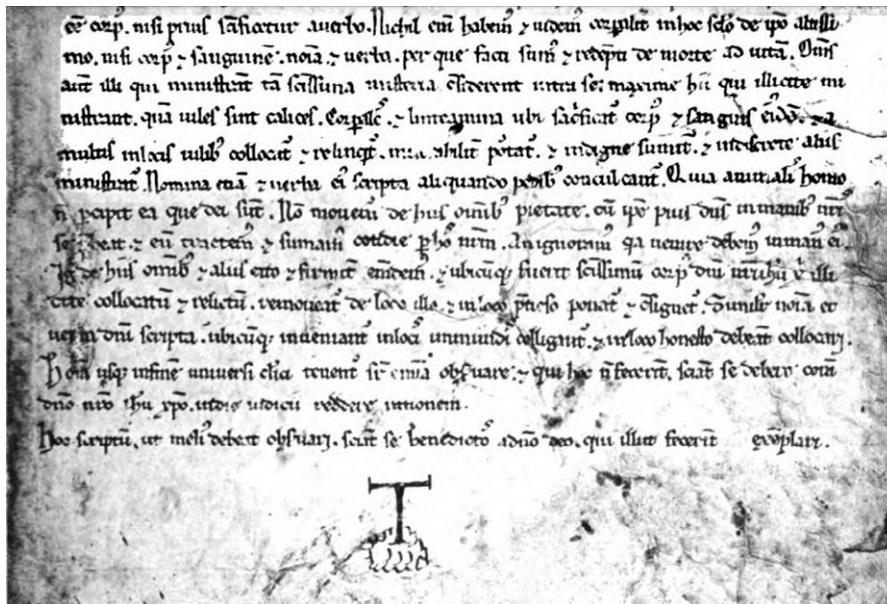
antropomórfico pregado à cruz, mas com essas duas letras pendendo em cada lado da trave horizontal (PEREIRA, 2018, p. 276-279). Soma-se à compreensão ordenada de letras o entendimento de que alguns símbolos gráficos não eram compreendidos como letras concatenadas formadoras de sílabas, mas como analogias, como é o caso do grego *ΙΧΘΥΣ* que, entre os cristãos, deixou de significar “peixe” e passou a ser compreendido como acrônimo da frase *Ἰησοῦς Χριστὸς Θεοῦ Υἱὸς Σωτήρ* (Jesus Cristo filho do Deus Salvador). Ou seja, a relação entre o oral e a sua transcrição não é sempre literal, mas abre espaço para metáforas gráficas que colocam esses diferentes aspectos (oralidade, cultura letrada e performance) em relação (CALVET, 1984, p. 103).

O tau inicia o terceiro quarto do alfabeto grego. No alfabeto hebraico, é a última letra. Em ambos, lidos como percurso, o tau é analogia ao fim. Embora a obra de Joaquim de Fiore (1135-1202) não tenha influenciado diretamente Francisco de Assis, que mal deve tê-la conhecido, os leitores milenaristas de Joaquim influenciaram gerações de frades posteriores a Francisco que leram seu fundador como figura milenarista. Em Apocalipse 7, 2, após a sexta tribulação (sexto selo), um anjo do Oriente ordenou aos quatro anjos dispostos nos quatro ângulos da Terra que segurassem os ventos violentos que sacudiam a Terra, de modo que os 144.000 servos de Deus fossem assinalados em sua frente com uma marca da salvação. Na *Expositio in Apocalypsim*, Joaquim de Fiore identificou no anjo o Cristo ressuscitado ou um futuro e especial “*papa angelicus*”. Joaquim nada falou sobre Francisco, mas seus comentaristas e, em especial Geraldo de Borgo San Donnino (?-1276) e João de Parma, leram seu comentário como uma profecia que prenunciava o protagonismo franciscano na salvação da última hora e compreenderam o especial *papa angelicus*, de Joaquim, como Francisco de Assis e o tau como símbolo assinalado nos eleitos (FRUGONI, 2015, p. 43-44). O sucesso que a leitura apocalíptica sobre Francisco obteve entre os frades corrobora para compreender a predileção da Ordem pelo tau e, talvez, o gesto leonino que retrçou o símbolo.

Tomás de Celano informa que Francisco costumava utilizar o tau como uma espécie de assinatura, como uma marca de identificação em seus textos. Copiado na abadia beneditina de Subiaco, conhecemos um missal em que, em um de seus fólhos, foi copiado entre 1219 e 1238 o texto *Epistola ad Clericos*. Ao final do texto, um tau foi desenhado, provavelmente presente no protótipo, uma carta circular enviada por Francisco (OLIGER, 1913).



Figura 4 - Cod. B.24, f. 117r. Biblioteca Vallicelliana di Roma.

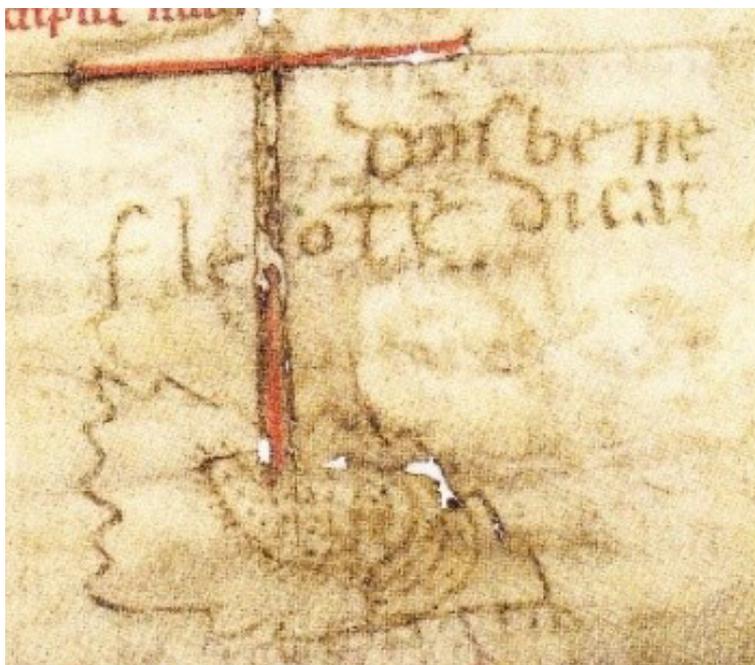


Fonte: (OLIGER, 1913, p. 13).

O tau também está sobre um monte, mas dentro desse não há uma cabeça. Além disso, o tau não está colocado em relação direta com o texto, mas abaixo deste, marcando diferenças de função com relação ao tau no autógrafo. O tau na *Chartula di Assisi* é parte de um projeto integrado entre texto e imagem, onde a imagem corta o texto e é dele partícipe. A partir da edição crítica de Paolazzi, percebemos que os copistas medievais do texto precisaram fazer uma escolha na compreensão da *Benedictio* que, no original, apresentava do lado esquerdo do tau as letras “F LE” e; à direita do tau, a fórmula da bênção escrita de forma não linear: (1) “DNS”, abreviação de *Dominos*, à esquerda superior; (2) “BENE”; à esquerda superior; (3) “O TE”, sendo “O” continuidade de “F LE” e; (4) à direita inferior, “DICAT”, continuidade de *bene*. Não há ordem de leitura tradicional, da esquerda para a direita e de cima para baixo, no original, pois não há linearidade. A escolha de copiar “*Dominus benedicat te, frater leτo*” reduziu a texto àquilo que não era (BARTOLI LANGELI, 1994, p. 132). Propomos pensar essa construção imagético-textual espacializada não como um texto, mas como uma imagem-caligrama, que coloca letras e imagens em relação, elaborando uma outra montagem, também caligramática.



**Figura 5** – *FRANCISCI ASSISENSIS. Benedictio Fratri Leoni Data*. Lado pelo. 1224.  
Pergaminho. 13,5x10cm. Basilica di Assisi. (detalhe)



**Fonte:** © Archivio fotografico del Sacro Convento di S. Francesco in Assisi, Italia.

Para Foucault (2016), o caligrama possui tradicionalmente uma tríplice função: (1) compensar o alfabeto; (2) repetir sem o recurso da retórica e; (3) prender as coisas na armadilha de uma dupla grafia. Compreendido tradicionalmente como a composição ordenada de letras e palavras que formam figuras, o autógrafo de Francisco não forma uma figura reconhecível em algum protótipo, mas sugere uma composição amórfica de texto e imagem que, como o caligrama, elabora um enunciado na disposição espacial dos elementos, não mórfico, mas analógico, incluindo “*Dominus benedica te*” e “*Le o*” dentro da mensagem do tau. O caligrama “[...] usufrui da sobrecarga de riqueza que permite dizer duas coisas diferentes com uma única e mesma palavra; a essência da retórica está na alegoria. [...] (FOUCAULT 2016, p. 23-25)

A imagem-caligrama de Francisco modifica a bênção ensinada a Moisés e a torna exclusiva a Leão. “*LE O*”, defendemos, não está dividido ou descontinuado, nem está cortado. A imagem do tau não quebra o nome de Leão, mas é parte dele; não há mudança no ritmo de leitura porque a imagem-caligrama não estava lá colocada para ser lida. O tau (T), assim como L, E e O, era uma letra, assim, *LETO* é uma palavra-imagem, uma espécie de acrônimo que reunia no mesmo espaço a compreensão simbólica de “*F L E T O*”: Leão é parte da redenção salvífica, é eleito e, por isso, deve levar também a salvação aos outros. Sua missão, porém, é ser F, um frade menor: “*Et illi qui veniebant ad recipiendam vitam istam, omnia*

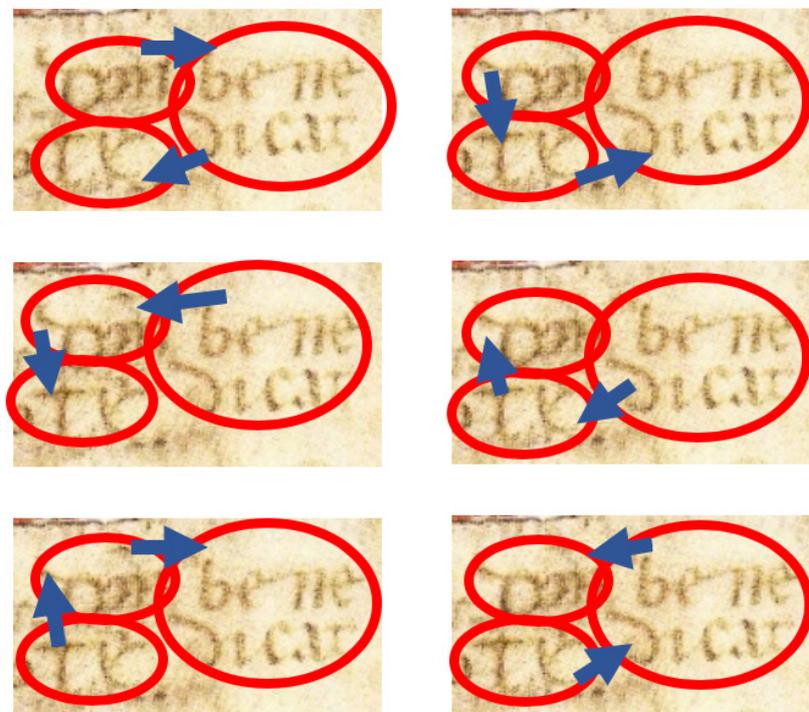
Anré Luiz Marcondes Pelegrinelli  
/Uma montagem caligramática do século XIII: a *Benedictio Fratri Leoni Data* de Francisco de Assis



que habere poterant dabant pauperibus; et eramus contenti túnica una, intus et foris repeciata, qui volebant, cum cingulo et braccis, et nolebamus plus habere” (FRANCISCI ASSISIENSIS, 2009c, p. 396-398).<sup>24</sup> Ainda que se assuma o tau como T latino, em um esforço de leitura do acrônimo, “LEO” se torna “LE T O” ([eu] “mato”, no latim). Se a imagem-caligrama insere uma compreensão ambígua de “LE T O” é porque essas duas compreensões cabem na imagem: Leão é o frei escolhido, seu sentido pulsante de morte, porém, é o caminho (literal e figurativo) para a salvação dos frades que abandonavam sua velha vida pela religio, baseados no *topos* evangélico “*Qui enim voluerit animam suam salvam facere, perdet eam: qui autem perdidit animam suam propter me, inveniet eam.*” (Matthaeum 16, 25 – COLUNGA; TURRADO, 1999, p. 978)<sup>25</sup>

Bartoli Langeli (1994, p. 132) destaca que a fórmula final da bênção “*Dominus benedica te*” está colocada na imagem de modo que pode ser lida em todas as direções possíveis, circular ou cruzada, em pelo menos seis ordens que não modificam seu sentido: (1)DNS+BENEDICAT+TE; (2)DNS+TE+BENEDICAT; (3) BENEDICAT+DNS+TE; (4)BENEDICAT+TE+DNS; (5)TE+DNS+BENEDICAT; (6) TE+BENEDICAT+DNS.

Figura 6 – Possibilidades de leitura da imagem



Ainda que no latim a ordem das palavras possa ser modificada em uma oração sem que haja prejuízo em sua mensagem, a prática não era usual no



vulgar. Francisco, ainda que se apresentando como *ignorans et idiota*, utilizou um dispositivo da norma culta – evidência da complexidade dessas categorias e do quanto havia de formulação retórica nelas, para sublinhar sua humildade. Entretanto, essa manipulação de sílabas e palavras não se apresenta na *Benedictio* apenas por essa questão linguística, pois Francisco manipulou essa possibilidade para apresentar visualmente um maior grau de complexidade da bênção desejada, inspirado em costumes populares de sua própria espiritualidade.

Condenada como prática divinatória, mas não por isso menos utilizada, a *sortes apostolorum* consistia no Medievo em, após uma oração, abrir aleatoriamente a Bíblia e perceber a passagem encontrada como modo de comunicação divina. Em um dos episódios de sua conversão, na *Legenda Trium Sociorum*, Francisco abriu aleatoriamente um missal por três vezes e em todas encontrou passagens que se relacionavam ao seguimento de Cristo (3Comp. VIII, 29 - *LEGENDA TRIUM SOCIORUM*, 1995, p.1401-1402). A lógica da *sortes apostolorum* de Francisco – justificada como prática não-divinatória mas de devoção pelos seus hagiógrafos – e da bênção ao final da *Chartula di Assisi* é a mesma e ambas compreendem a integralidade da mensagem independente da ordem em quem é apresentada.

A função da imagem-caligrama no autógrafo responde bem às possibilidades da imagem em outros momentos da vida de Francisco, cujas funções eram percebidas pelo menos em duas dimensões: (1) sensível, efetiva; (2) reforço e importância da mensagem escrita. Em nossa dissertação de mestrado (PELEGRINELLI, 2018), demonstramos como a visualidade, compreendida como modo de veiculação de uma mensagem de modo visualizável, foi importante em Francisco e em seus seguidores. Francisco converteu-se por meio da imagem do crucifixo de São Damião; utilizava parábolas e alegorias para pregar; foi alvo constante de visões e sonhos; e fez de seu próprio corpo imagem. A força sensível/efetiva da imagem em Francisco, por um lado, torna sensível realidades complexas; por outro, é uma imagem que pode gerar efeitos sobre o seu destinatário, como o tau que cura o doente ou os abundantes relatos de milagres relacionados à estigmatização.

A imagem gráfica, por sua vez, na cultura escrita de Francisco poderia ser um potencializador do texto em que estava vinculada, como podemos perceber nos livros com que o santo estabeleceu contato e que ainda hoje existem. Ainda que não fosse um homem de letras, Francisco compreendia a importância do uso de imagens na construção de um texto e utilizava frequentemente livros litúrgicos e a Bíblia, em particular o Evangelho, que conhecia bem e que deve ter sido sua principal referência na construção de uma comunicação letrada (LEONARDI,



2004, p. LI) – ainda que, em função da pobreza desejada por Francisco, os livros devessem ser simples e, dado seu custo de produção, usassem imagens com parcimônia.

Allegria (2019) elenca uma série de características dos manuscritos com que Francisco teve contato e que eram comuns no período e para uso dos frades, que poderiam possuir apenas livros litúrgicos. Uma delas é o emprego de iniciais ornamentadas simples, nesse caso em vermelho e azul, que só se distinguem do texto pelo seu tamanho (tendo as iniciais o dobro do tamanho dos caracteres comuns). No livro-reliquia *Evangelarium Sancti Francisci*, evangeliário que teria pertencido ao santo e hoje é custodiado na igreja de São Francisco de Cortona, abundam iniciais grandes filigranadas, também em vermelho e azul (TRISTANO, 2017). Seu livro-reliquia mais conhecido, o *Breviarium Sancti Francisci*, breviário de uso diário do santo e custodiado na *Basilica di Santa Chiara*, apresenta características similares; apesar de ser formado por vários cadernos com diferentes propostas ornamentais, encontramos novamente iniciais alternadas em vermelho e azul e algumas com ornamentos fitomórficos ou animórficos (VAN DIJTK, 1949).

As únicas imagens nestes livros com que Francisco tinha contato eram iniciais com alto grau de “letridade” (PEREIRA, 2019), ou seja, letras cuja apresentação visual era muito próxima das demais letras do texto em que se encontravam, apenas com cores ou filigranas como elementos de diferenciação. Eram iniciais que, sobretudo, reforçavam a centralidade do texto ali contido e, sendo o franciscanismo uma espiritualidade *evangelhocêntrica*, destacando a importância do objeto escrito no *verbo domini* ali contido. Na *Chartula di Assisi*, novamente, a imagem-caligrama reforça a mensagem do texto, mas também a relaciona com o próprio Leão, atualizando o texto bíblico para 1224 e projetando em Leão a sacralidade do texto.

A manutenção do pedaço de pergaminho dobrado e em contato constante com o corpo de Leão é sintoma de sua compreensão da *Chartula* não como um texto que poderia ser verbalizado, mas como um objeto que, por isso mesmo, não dispensaria o suporte. A valorização da materialidade não se dava somente pela mão de Francisco, mas pela impossibilidade de transposição de sua mensagem para uma fala que, como destacado, não era verbalizável. Em estudo anterior (PELEGRINELLI, 2017), demonstramos como a possibilidade do toque no corpo de Francisco, em seu túmulo e em suas imagens, ganhou força centralizadora no culto no primeiro século franciscano, a ponto da mais antiga de suas imagens ainda existente, de 1235, atrelar a potência miraculosa



**Figura 5** – Ms. 344, f. 78r. séc. XIII. Biblioteca Sacro Convento, Assisi. (detalhe)



**Fonte:** © Assisi, Fondo Antico Comunale presso il Sacro Convento, ms. 344<sup>27</sup>

Nas cópias da *Benedictio Fratri Leoni data*, a possibilidade de leitura múltipla do trecho final da bênção foi perdida ao ordená-la como “*dominus benedicat te*”; mas o mesmo também ocorreu com a potência que a imagem-caligrama possuía e que, com exceção do manuscrito de Assis, não foi copiada nos demais. Vejamos dois exemplos: o ms. 344 de Assis e o ms. Vat. Lat. 4354, ambos do século XIV.

O manuscrito de Assis mantém o texto de Francisco, as intervenções de Leão e a imagem-caligrama, embora a espacialidade das palavras tenha sido alterada e o texto tenha sido transcrito de forma corrida. Ainda assim, o copista produziu a sua versão da imagem, na qual o reconhecimento da forma na base do tau como cabeça é muito mais fácil. O tau foi modificado e a marcação dupla (marrom/vermelho) foi transformada em um tau com margens escuras e centro vermelho; ao lado da imagem, há uma inscrição que identifica a composição da imagem à mão de Francisco. O manuscrito 344 de Assis é o mesmo que

de seu túmulo ao toque. Leão, sendo proprietário da *Chartula*, era privilegiado na possibilidade de contato material com o objeto, dotado de funcionalidade mágica (amuleto) e afetiva (memória).

A conexão entre imagem-caligrama/texto/objeto se tornou indissociável na *Chartula di Assisi*, tornada uma relíquia cultuada. Seu texto, porém, foi desmaterializado na tradição manuscrita que o copiou e o transformou em parte do cânone da obra escrita de Francisco de Assis. A percepção dos copistas e de Leão não era a mesma. O já citado texto copiado na abadia de Subiaco é a mais antiga cópia medieval existente de um texto de Francisco; nela, sua marca característica foi repetida, o que não ocorreu em outras cópias medievais do mesmo texto.

Nas cópias da *Benedictio Fratri*



contém o inventário de 1338; seu copista talvez seja João de Iolo, bibliotecário do Sacro Convento naquele momento e responsável por inventariar os livros e objetos. Sua proximidade com a *Chartula*, que já deveria estar em exposição nesse momento e, por isso, ser visão cotidiana do frade, deve ter criado uma compreensão da *Benedictio* que, como mensagem integral, demandava a imagem, embora a potência miraculosa da relíquia não pudesse ser replicada. Essa característica não é presente na cópia contida no fólio 785v do ms. Vat. Lat. 4354 da Biblioteca Vaticana<sup>26</sup>, em que a bênção foi transformada em texto corrido – começado com a inicial B – e todos os outros elementos não textuais foram perdidos, transformando a *Benedictio* em fórmula verbalizada e em texto simples, corrido, descolado de sua materialidade.

O conceito de montagem é útil para pensar as diferentes temporalidades da *Chartula di Assisi* e suas diferentes interpretações que a desmontaram e transformaram o conjunto de elementos relacionados em texto simples. Didi-Huberman (2002) mobilizou esse conceito a fim de examinar o *Atlas Mnemosyne*, de Aby Warburg (1866-1929); nele, a compreensão da montagem não se dá pelo significado individual de cada parte posta em relação, mas nas conexões estabelecidas entre eles – ou seja, em sua montagem.

A operação daquele autor, ao pensar a montagem de Aby Warburg, considerou-a em função de suas possibilidades de relação. Podemos sugerir que Francisco elaborou seu escrito como diferentes montagens: a imagem-caligrama apresentada é uma montagem de letras, palavras e desenhos que evocam uma frase e um sentido. Mas a imagem-caligrama também se coloca como proposta de montagem no momento em que Francisco colocou em relação: (1) a materialidade do fragmento de pergaminho (dobradura utilizada para guiar o traçado do tau); (2) a fórmula “*DNS+BENEDICAT+TE*” não linear; (3) o frade destinatário, “*F LE T O*”; (4) a imagem, cabeça e monte, da qual emerge o tau; (5) o texto superior, retirado do Livro dos Números.

A esta primeira montagem, da produção, sucede-se uma montagem de consumo por Leão. Considerando a montagem de Francisco como objeto original, recebido, Leão colocou em relação: (1) o autógrafo, objeto recebido de Francisco; com (2) o seu próprio autógrafo e interspersão no tau; e (3) sua função de amuleto/objeto de memória que, dobrado, era guardado junto ao seu corpo.

Um segundo momento de recepção – e terceira montagem – é compreendido



quando o objeto deixou de ser posse de Leão e, de acordo com o inventário de 1338, passou a ser relíquia da Basílica de Assis. Assumida como objeto sacro, a montagem relacionava: (1) a *Chartula de Assis*; e (2) o relicário, com seu suporte em madeira e pedaços superiores de pergaminho que o prendiam a base.

As montagens não alteram apenas seu conteúdo, mas também sua função. Se em um primeiro momento, em sua produção e consumo imediato por Leão, o autógrafo possui um grau alto de função textual – sua metade superior, texto corrido, poderia ser facilmente decodificada – em sua terceira proposta de montagem, tratado como relíquia e contido em um relicário, sua função de leitura é diminuída em função da contemplação própria da relíquia. Se Leão poderia passar horas lendo e relendo o texto, os fiéis, apertados e ansiosos para ver a relíquia de Francisco, dificilmente poderiam olhar atentamente a relação estabelecida entre letras, sílabas, palavras e orações.

Sua produção e recepção consideraram essas diferentes possibilidades de montagem que consideravam os espaços no manuscrito e o espaço do manuscrito. Se a montagem para Didi-Huberman é pensada como a relação colocada entre diferentes imagens, propomos pensar a composição e consumo da *Chartula* como montagens de todos os elementos relacionados dentro do objeto e nos espaços de funcionamento deste: imagens, imagem-caligrama, textos, matéria, acréscimo de Leão, materialidade do pergaminho e relicário. A passagem de fragmento de pergaminho com imagem e texto para imagem-objeto é indício de seu consumo resignificado e, por isso, continuado.

## Referências

ALLEGRIA, S. In Hoc Signo Vinces. Un frammento di breviário conservato ad Arezzo: una nuova reliquia francescana? In: CALIMAN, G. M. (org.). *Frate Elia, il primo francescanesimo e l'Oriente*. Spoleto: CISAM, 2019, p. 99-117.

BARTOLI LANGELI, A. Gli scritti da Francesco. L'autografia di un *illiteratus*. In: SOCIETÀ INTERNAZIONALE DI STUDI FRANCESCANI (org.). *Frate Francesco d'Assisi*. Spoleto: CISAM, 1994, p. 103-159.

BARTOLI LANGELI, A. *Gli autografi di Frate Francesco e di Frate Leone*. Turnhout: Brepols, 2000.

BÍBLIA. Latim. *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Clementinam. Decima Editio*. Organizada por Alberto Colunga e Laurentio Turrado. 1280p, 1999.



BONAVENTURA DE BALNEOREGIO. Legenda Maior sancti Francisci. In: MENESTÒ, E.; BRUFANI, S. *Fontes Franciscani*. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1995a, p. 775-961.

BONAVENTURA DE BALNEOREGIO. Legenda minor sancti Francisci. In: MENESTÒ, E.; BRUFANI, S. *Fontes Franciscani*. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1995b, p. 963-1013.

CALIÒ, T. Leone d'Assisi. In: CARAVALE, M. (org.). *Dizionario Bibografico degli Italiani*. Vol. 64. Roma: Istituto dell'Enciclopedia Italiana, 2005. Disponível em [http://www.treccani.it/enciclopedia/leone-d-assisi\\_%28Dizionario-Biografico%29/](http://www.treccani.it/enciclopedia/leone-d-assisi_%28Dizionario-Biografico%29/), acesso em 07/09/2019.

CALVET, L. J. Au pied de la lettre. *Langaes*, Paris, no. 75, pp. 103-110, 1984.

DIDI-HUBERMAN, G. *L'image survivante*. Histoire de l'art et temps des fantômes selon Aby Warburg. Paris : Minuit, 2002.

ESSER, K.; OLIGER, R. *La tradition manuscrite des opuscules de sain François d'Assise: préliminaires de l'édition critique*. Roma: Institut Historique OFM.CAP., 1972.

FALOCI PULIGNANI, M. Le Sacre Reliquie della Basilica di San Francesco in Assisi nel seculo XIV. *Miscellanea Francescana*. Folino, vol. 1, pp. 145-150, 1886.

FOUCAULT, M. *Isto não é um cachimbo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FRANCESCO D'ASSISI. *Scritti*. Edizione critica a cura di Carlo Paolazzi, OFM. Grottaferrata: Frati Editori di Quaracchi, 2009.

FRANCISCI ASSISIENSIS. Regula Bullata. In: *Scripta*. Critice edidit Carolus Paolazzi OFM. Grottaferrata, Roma: Collegii s. Bonaventurae ad Claras Aquas, 2009a, p. 318-338.

FRANCISCI ASSISIENSIS. Epistola Toti Ordinis Missa. In: *Scripta*. Critice edidit Carolus Paolazzi OFM. Grottaferrata, Roma: Collegii s. Bonaventurae ad Claras Aquas, 2009b, p. 202-210.

FRANCISCI ASSISIENSIS. Testamentum. In: *Scripta*. Critice edidit Carolus Paolazzi OFM. Grottaferrata, Roma: Collegii s. Bonaventurae ad Claras Aquas, 2009c, 394-405.

FRANCISCI ASSISIENSIS. Epistola ad Fratrem Leonem. In: *Scripta*. Critice edidit



Carolus Paolazzi OFM. Grottaferrata, Roma: Collegii s. Bonaventurae ad Claras Aquas, 2009d, p. 158.

FRANCISCI ASSISIENSIS. Laudes Dei Altissimi. In: *Scripta*. Critice edidit Carolus Paolazzi OFM. Grottaferrata, Roma: Collegii s. Bonaventurae ad Claras Aquas, 2009e, p. 112-114.

FRANCISCI ASSISIENSIS. Benedictio Fratri Leoni Data. In: *Scripta*. Critice edidit Carolus Paolazzi OFM. Grottaferrata, Roma: Collegii s. Bonaventurae ad Claras Aquas, 2009f, p. 116.

FRUGONI, C. *Francesco e l'invenzione delle stimmate*. Una storia di parole e immagini fino a Bonaventura e Giotto. Torino: Einaudi, 1993.

FRUGONI, C. Sapere vedere: s. Francesco e le immagini. In: SOCIETÀ INTERNAZIONALE DI STUDI FRANCESCANI (org.). *Frate Francesco d'Assisi*. Spoleto: CISAM, 1994, pp. 199-219.

FRUGONI, C. *Quale Francesco?* Il messaggio nascosto negli affreschi della Basilica superiore di ad Assisi. Torino: Einaudi, 2015

FRUGONI, C. *Le conseguenze di una citazione fuori posto*. Milano: Biblioteca Francescana, 2018.

JACOPO DE VARAZZE. *Legenda Áurea: vidas de santos*. Tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica de Hilário Frango Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LAPSANSKI, D. The autographs on the "Chartula" of St. Francis of Assisi. *Archivum Franciscanum Historicum*, Firenze-Grottaferrata, n. 67, p. 18-37; 36-37, 1974.

*LEGENDA TRIUM SOCIORUM*. In: MENESTÒ, E.; BRUFANI, S. *Fontes Franciscani*. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1995, p. 1353-1445.

LEONARDI, C. Gli Scritti di Francesco. In: LEONARDI, C.; SOLVI, D. (orgs.). *La Letteratura Francescana. Vol. 1- Francesco e Chiara d'Assisi*. Bologna: Fondazione Lorenzo Valla; Mondadori, 2004.

MENESTÒ, E. Leone e i compagni di Assisi. In: SOCIETÀ INTERNAZIONALE DI STUDI FRANCESCANI (org.). *I compagni di Francesco e la prima generazione minoritica*. Spoleto: CISAM, 1992, p. 31-57.

MENESTÒ, E. Gli scritti di Francesco d'Assisi. In: SOCIETÀ INTERNAZIONALE DI



STUDI FRANCESCANI (org.). *Frate Francesco d'Assisi*. Spoleto: CISAM, 1994, pp. 161-181.

OLIGER, L. Textus antiquissimus epistolae s. Francisci de Reverentia Corporis Domini in Missali Sublacensi (cod. B. 24 Vallicellanus). *Archivum Franciscanum Historicum*, Firenze, annus VI, tomus VI, p.3-13, 1913.

PAOLAZZI, C. *Lettura degli "Scritti" di Francesco d'Assisi*. Milano: Biblioteca Francescana, 2004.

PELEGRINELLI, A. L. M. O toque como via miraculosa: e imagem e materialidade na Távola Franciscana de Bonaventura Berlinghieri (1235). *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 11, n. 21, pp. 163-181, 2017.

PELEGRINELLI, A. L. M. *Francisco de Assis e a Visualidade: ver para crer, ver para ser*. Uma história de política e devoção na Basílica de Assis (século XIII). 2018. 189p. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

PELEGRINELLI, A. L. M. Transformações e continuidades na iconografia do primeiro século franciscano: tavole, afrescos, gravados e vitrais historiados (1226-1295). In: XII Encontro Internacional de Estudos Medievais – EIEEM, 2017, Porto Alegre, RS. *Anais do XII Encontro Internacional de Estudos Medievais*. Porto Alegre: ABREM, 2019.

PEREIRA, M. C. *Sobre Letras e Imagens: as iniciais ornamentadas no Ocidente Medieval*. 2018. (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

PEREIRA, M. C. *As letras e as imagens: iniciais ornamentadas em manuscritos do Ocidente Medieval*. São Paulo: Intermeios, 2019.

RUSSO, .; MAGNANI, E. Histoire de l'art et anthropologie, 4. Modèle et copie. Autour de la notion de « modèle » en anthropologie, histoire et histoire de l'art. *BUCEMA*. Dijon, vol. 14, pp. 209-233, 2010.

SOLVI, D. Commento – Francesco d'Assisi. In: LEONARDI, C.; SOLVI, D. (orgs.). *La Letteratura Francescana*. Vol. 1 - Francesco e Chiara d'Assisi. Bologna: Fondazione Lorenzo Valla; Mondadori, 2004, pp. 349-471.

THOMAE DE CELANO. *Vita prima sancti Francisci*. In: MENESTÒ, E.; BRUFANI, S. (orgs.). *Fontes Franciscani*. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1995a, p. 273-423.



THOMAE DE CELANO. *Vita secunda sancti Francisci*. In: MENESTÒ, E.; BRUFANI, S. (orgs.). *Fontes Franciscani*. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1995b, p. 441-639

THOMAE DE CELANO. *Tractatus de miraculis beati Francisci*. In: MENESTÒ, E.; BRUFANI, S. (orgs.). *Fontes Franciscani*. Assisi: Edizioni Porziuncola, 1995c, p. 641-753.

TRISTANO, C. Il libro del Santo, il Santo del libro: l'Evangelistario di Cortona. Il libro. In: ALLEGRIA, S.; GATTA, S. (orgs.). *L'Eredità del Padre*. Le Reliquie di San Francesco a Cortona. Padova: Edizioni Messaggero Padova, 2017, p. 41-76.

VAN DIJTK, S. A. The Breviary of St. Francis. *Franciscan Studies*, New York, Vol. 9. n.1, pp. 10-40., 1954.

VORREUX, D. *Un symbole franciscain. Le Tau*. Histoire, théologie et iconographie. Paris: Éditions Franciscaines, 1979.

### Notas

<sup>1</sup>Agradeço a gentil colaboração da sra. Francesca Silvestri, da *Società Internazionale di Studi Francescani* (SISF), sem a qual essa pesquisa não seria possível. O agradecimento se estende também à sra. Giorgia Menghinella e ao frei Carlo Bottero, do *Archivio Fotografico del Sacro Convento di San Francesco in Assisi* pela cessão do direito de reprodução das imagens da *Chartula di Assisi*.

<sup>2</sup>Doutorando em História Social no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. Pesquisador do Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais (LATHIMM). Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina C. L. Pereira. E-mail: andrepelegrinelli@gmail.com. Financiamento: processo 2019/17537-3, FAPESPt.

<sup>3</sup>Na dificuldade de encontrar uma tradução adequada para o latino *Chartula* (papelzinho?), optamos por utilizar o termo "*Chartula di Assisi*", ao nos referirmos ao objeto assumido como relíquia cultuada na Basílica da mesma cidade; "*Benedictio Fratri Leoni Data*" ao nos referirmos ao texto da Bênção a Frei Leão, respeitando o idioma original e a edição de Paolazzi (2009) e, por fim, "*Laudes Dei Altissimi*", para nos referirmos aos Louvores ao Deus Altíssimo, pelo mesmo motivo.

<sup>4</sup>"Pequei muito pela minha grave culpa, especialmente porque não observei a Regra que prometi ao Senhor, assim como não rezei o ofício, como prescreve a Regra, fosse por negligência, fosse por causa da minha enfermidade, fosse porque sou ignorante e idiota". Todas as traduções são de autoria do autor.

<sup>5</sup>"[...] éramos idiotas e submissos a todos".

<sup>6</sup>A autora, em obra de 1993, defendia a hipótese de que a transferência ocorreu entre 1257 e 1258 junto ao breviário, hipótese que parece ter sido revista. Cf.: sobre a hipótese anterior: FRUGONI, 1993, p. 76.

<sup>7</sup>"Também: uma tábua de madeira na qual se encontram os Louvores ao Criador escritos da própria mão do beato Francisco. Com uma bênção escrita a Frei Leão, seu



companheiro”.

<sup>8</sup>Para a vida de Leão, indicamos o verbete “Leone d’Assisi” no volume 64 do *Dizionario Biografico degli Italiani*: CALIÒ, 2005.

<sup>9</sup>“Enquanto o santo estava no Monte Alverne, em sua cela, um dos companheiros desejava ardentemente ter, para sua própria consolação, um escrito com as palavras do Senhor com breves notas escritas da própria mão de São Francisco. Estava convencido de que com ele poderia superar ou ao menos suportar mais facilmente as graves tentações, não da carne, mas do espírito, pelas quais se sentia oprimido. Ainda que houvesse um grande desejo, não ousava manifestá-lo ao santíssimo pai, mas o que não disse a criatura, o Espírito revelou. Um dia Francisco o chamou: ‘Traz-me pergaminho e tinta porque quero escrever as palavras e os louvores do Senhor, como meditei em meu coração’. Tendo imediatamente levado o solicitado, ele, de sua própria mão, escreveu os louvores a Deus e as palavras que havia em sua alma. Ao final, adicionou uma benção ao frei e disse: ‘Recebe este pequeno pergaminho e o custodia com cuidado até o dia de tua morte’. Imediatamente foi livre de toda tentação e a carta conservada operou em seguida coisas maravilhosas”.

<sup>10</sup>Tendo sua festa celebrada no dia 04 de outubro, a *Legenda Menor* fazia parte do ofício deste dia; sua circulação extravasava em muito, então, o meio eclesiástico e franciscano: trata-se de um texto escrito não apenas para frades, mas para todos os religiosos e leigos.

<sup>11</sup>Para a transcrição paleográfica, crítica textual e correções sobrepostas, cf.: BARTOLI LANGELI, 2000, p. 35-38.

<sup>12</sup>“1. Tu és santo, Senhor Deus único, que fazes maravilhas.

2. Tu és forte, Tu és grande, Tu és altíssimo, Tu és onipotente, Tu, Pai santo, o rei do céu e da

4. terra. Tu és trino e uno, Senhor Deus

5. dos deuses, Tu és o bem, todo o bem, o sumo bem,

6. Senhor Deus vivo e verdadeiro.

Tu és amor e caridade,

7. Tu és sapiência, Tu és humildade, Tu és paciência,

8. Tu és pulcritude, Tu és segurança, Tu és mansue-

9. tude. Tu és alegria e felicidade, Tu és a esperança nossa, Tu és justiça

10. e temperança, Tu és tudo, riqueza nossa até à saciedade;

11. Tu és pulcritude, Tu és mansidão,

12. Tu és protetor, Tu és custódio e defensor,

13. Tu és força, Tu és refúgio.

Tu és a esperança

14. nossa, Tu és a nossa fé, Tu és a caridade

15. nossa, Tu és toda a nossa doçura, Tu és

16. a vida eterna nossa, grande e admirável

17. Senhor, Deus oniponte, misericordioso Salvador”.

<sup>13</sup>O texto possui o autógrafo de Francisco (em marrom) e as três notas posteriores de Leão (em vermelho). Para a transcrição paleográfica, crítica textual e correções sobrepostas, cf.: BARTOLI LANGELI, A. **Gli autografi di Frate Francesco e di Frate Leone**. Turnhout: Brepols, 2000, p. 38-41.

<sup>14</sup>“O beato Francisco, dois anos antes de sua morte, fez uma quaresma no local do



Alverne em honra à beata Virgem Mãe de Deus e do beato Miguel Arcanjo, da festa da Assunção de Santa Maria Virgem até a festa de São Miguel em setembro; e desceu sobre ele a mão do Senhor. Após a visão do Serafim e a impressão dos estigmas de Cristo em seu corpo, fez esses louvores escritos do outro lado do pergaminho e os escreveu de sua mão, rendendo graças a Deus pelo benefício a ele feito.

O Senhor te abençoe e te custodie.  
Mostre para ti a sua face e tenha misericórdia de ti.  
Volva para ti o seu olhar e te dê a paz.

*O beato Francisco escreveu de sua mão esta benção para mim, frei Leão.*

O Senhor aben  
te çoe  
f. LeTo

*Do mesmo modo fez esse símbolo do tau com cabeça, de sua própria mão”.*

<sup>15</sup>Todas as informações paleográficas e codicológicas provêm do estudo de Bartoli Langeli (2002), que teve o privilégio de trabalhar diretamente com a relíquia e produziu o mais completo estudo material sobre o objeto. Além disso, recorremos também ao estudo de Lapsanski (1974), que submeteu a relíquia a exames de raio-x. Nenhum exame invasivo foi realizado, o que poderia confirmar as informações de observação (como o animal do qual proveio a pele) ou os componentes utilizados para a fabricação da tinta.

<sup>16</sup>O dado cultural é evidente. Francisco, como outros escritores que lhe fariam companhia nesse capítulo menor e obscuro da história da escrita, são indivíduos semicultos, apenas alfabetizados. Eles “escrevem mal”: mas não se engane que assim o fosse por uma possível incompletude dos estudos (como seríamos levados a julgar a escrita de um semianalfabeto hoje), mas porque era básica sua formação gráfico-cultural. A “miniescola comum” era o patrimônio gráfico comum à sua condição cultural: uma alfabetização mínima e prática, condenada à imobilidade, incapaz de progressão autônoma”.

<sup>17</sup>1. O Senhor te abençoe e te custodie.  
2. O Senhor mostre a sua face e tenha misericórdia de ti.  
3. O Senhor volva o seu olhar para ti e te dê a paz”.

<sup>18</sup>1. O Senhor te abençoe e te custodie.  
2. Mostre a sua face e tenha misericórdia de ti.  
3. Volva o seu olhar para ti e te dê a paz”.

<sup>19</sup>Sobre a construção da narrativa da estigmatização e seu processo de acreditação, cf.: FRUGONI, 1993.

<sup>20</sup>“Após a visão do Serafim e a impressão dos estigmas de Cristo em seu corpo, fez esses louvores escritos do outro lado do pergaminho e os escreveu de sua mão, rendendo graças a Deus pelo benefício a ele feito”.

<sup>21</sup>O levantamento de Esser e Oliger (1972), utilizado na edição crítica deste e na de Paolazzi, encontrou 24 manuscritos medievais ou edições incunábulas com a bênção entre os séculos XIV e XVI.

<sup>22</sup>Originalmente, porém, o objeto pertencia à pequena igreja dos santos João e Paulo, na



mesma cidade, de onde foi transferida, em 1877, para a catedral.

<sup>23</sup>“O tau é a última letra do alfabeto hebraico e possui a mesma forma que havia a cruz antes que Pilatos incluísse o letreiro acima do Cristo crucificado. [...] Porta tal símbolo sob a frente e já mostra nas próprias ações a virtude da cruz”.

<sup>24</sup>“E aqueles que escolhiam viver esta vida distribuíaam aos pobres tudo aquilo que podiam ter; e éramos contentes com uma só túnica remendada por dentro e por fora, com o cinto e os calções, e não gostaríamos de ter mais nada”.

<sup>25</sup>“Aquele que quiser salvar a sua vida a perderá; mas quem perder a sua vida por causa de mim a encontrará”.

<sup>26</sup>O manuscrito Vat. Lat. 4354 está disponível para visualização gratuita na plataforma DIGIVATLIB. Cf.: [https://digi.vatlib.it/view/MSS\\_Vat.lat.4354](https://digi.vatlib.it/view/MSS_Vat.lat.4354), acesso em 01/02/2020.

<sup>27</sup>Cessão de reprodução gentilmente cedida pela *Società Internazionale di Studi Francescani*.